

BRASIL—PORTUGAL

DIRECTOR — Augusto de Castilho.
PROPRIETARIA — A empresa do *Brasil-Portugal*.
EDITOR — Carlos de Magalhães Burguete.
ADMINISTRAÇÃO — C. do Sacramento, 14.
COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO — «A Editora», L. do Conde Barão, 50 — Lisboa.

16 DE JANEIRO DE 1911

N.º 288

Partida de tropas para a ilha da Madeira



Cli. de A. C. Lima).

O batalhão de caçadores n.º 6 formado no largo do Município

A quinze dias de vista...

Letras que não obrigam a protesto

Carta aberta a uma velha amiga

Ex.^{ma} Sr.^a

D. Dorothea Meyrelles

Quinta de Candosa

ALTO DOURO

Minha Ex.^{ma} Amiga e Senhora do meu maior respeito:

No meio da monotonia e tristeza da minha vida, só as suas cartas teem o condão de lançar uma restea de alegria. Ellas são uma tregua para as minhas dôres physicas e um parenthesis de calma aberto na tribulação do meu espirito. Bemditas sejam! São ellas que ainda me dizem, apaziguando o meu espirito em desasocego, que a vida ainda é boa para quem, como V. Ex.^a, a si propria se illude, fixando os aspectos bons e desviando os olhos, systematicamente, dos maus. Mas — ai de mim! — eu sou, por temperamento, uma creatura absolutamente differente da minha querida amiga. Na minha alma não crepita o lume da fé que consoladoramente abraça a sua alma pura de quem viveu uma já longa vida entre montanhas, junto de creaturas ignorantes e simples, longe do ruído do mundo cada vez mais perverso, muito proxima, para bem a ouvir, da voz de Deus, que no seu coração bonissimo insufla thesoiros de verdadeira piedade, a cada momento, pelo canto das aves, pelo murmurio das fontes, pelo aroma das pradarias, pelo marulho do rio — por essa serena, candida, augusta paz em que ali vivem as coisas e as pessoas, adormecendo as almas e fazendo-as sonhar a suprema ventura que é o não saber...

Ainda agora, relendo a larga folha de papel toda cheiinha da sua tremula letra, eu dizia a mim proprio que em bem pouco consiste a felicidade e que, no entanto, nada é mais difficil de conquistar. Não se espante, minha querida amiga, que é assim mesmo. Eu sei, eu sei o que me vai dizer: porque não fujo eu para esse recanto da terra com os meus poetas latinos e algumas roupas brancas n'uma mala, para o quarto grande de Candosa enja rasgada janella, toda emoldurada em trepadeira, olha para a mais fresca e viçosa horta que me tem sido dado vêr. Porque não vou eu procurar, no socego d'esse ermo, a tranquillidade para o meu espirito, os largos e lindos horizontes para os meus olhos cansados, o ar puro das montanhas que me

lavaria estes pulmões e enrijaria este organismo depauperado por uma vida de trabalho e tribulações?

E' bom dizer, é. Mas como cumprir? Se soubesse, minha querida amiga, o amor que nós outros — os cidadãos, vá lá! — temos a esta

Cumprimentos ao governo no dia de Anno Bom



O sr. ministro da Argentina, sahindo do Ministerio do Interior, depois de ter cumprimentado o governo

perdida e linda Lisboa! Linda, sim, tão linda como não conheço outra e algumas viram já estes olhos que não tornarão a vel-as. Como nós a amamos até pelo muito que ella nos faz soffrer, a desearoavel. Porque aqui soffre-se muito. Muito mais do que a D. Dorothea julga. Agora, então, Lisboa dá-me a impressão de uma grande jaula onde todos vivemos fraternalmente... sentindo uma ancia enorme de rasgarmos á dentada as carnes do mais proximo.

.....
Não deixe de me escrever com muita frequencia. Não se esqueça. As suas cartas fazem-me muito bem: devo-lhes mais saude que a todas as boticas que pejam esta meza a que lhe escrevo.

..

Como passei o dia de Anno Bom? Eu lhe digo: a dormir. A dormir, não, a dormir — a fugir noite. Agora sinto um grande prazer



(Cliché de J. Benoit).

Cumprimentos ao governo no dia de Anno Bom

A Camara Municipal dirigindo-se para o Ministerio do Interior

Partida de tropas para a ilha da Madeira



Caçadores n.º 6 atravessando a ponte do arsenal

n'isto; imaginar que é sempre noite. De dia, sempre que posso, encerro-me no meu quarto, fecho portas e janellas e deito-me, olhos fechados, uma almofada pela cabeça e ordem previa á Maria do Rosario para que não faça barulho. Fico para alli horas e horas até que a Rosario infringe a ordem recebida para me dizer que são horas de comer.

Assim succedeu, no dia do Anno Bom. Cançada de esperar, a velhota veio acordar-me ás 9 da noite. E alli mesmo me trouxe um prato de canja, uma perna de um dos perús que devo á amabilidade de V. Ex.ª, um calice de vinho e o unico jornal que se publicou n'essa noite. Tudo substancialissimo, até a secca perna do Perú, a paz d'esse jornal que apenas dava a noticia interessante da primeira recepção do governo ao povo da capital alli em baixo, no Terreiro do Paço, no Ministerio do Interior e na antiga sala do ex-Conselho de Estado.

Lí que a cerimonia foi muito concorrida, durando quatro horas, da 1 ás 5. Diz o jornal que o governo, ao fundo da sala, singelamente ornamentada com plantas e arbustos, recebeu primeiramente a camara municipal, depois o governador civil e a seguir alto functionalismo, officialidade de terra e mar, o corpo de marinheiros com o seu commandante Ladislau Parreira, academias, sociedades, gremios e

muito povo. A certa altura entraram os representantes do Uruguay, Argentina e Brasil, que em nome dos respectivos governos foram apresentar cumprimentos. Emfim a cerimonia parece ter revestido a desejada solemnidade. Bom é isso, bom é isso. E' necessario que o governo seja, por esta e por todas as formas, respeitado, muito respeitado. Não sendo nada mau, tambem, que elle se faça amar. E, n'esse sentido, Deus o inspire.

Deus, ou quem suas vezes fizer, agora.

São optimistas as noticias da ilha da Madeira, onde ainda grassa, infelizmente, o cholera morbus ou a colera morbo, como á minha querida amiga mais convenha. O flagello decresce de intensidade, sendo de erêr que em breve esteja completamente extinto. Do pouco que transpira nos jornaes sobre o assumpto, deprehende-se que o governo tem acendido com energicas providencias, auxiliando em tudo o seu representante especial no caso, o illustre medico portuense Alfredo de Magalhães. E assim deve ser.

O que se sabe, porém, de positivo é que o governo reforçou valiosamente a guarnição militar da ilha, fazendo seguir para lá o batalhão de caçadores 6, no *Peninsular*, no dia 7.

Leio, tambem, — eu agora entro apenas pelas informações das gazetas — que a guarnição do Funchal, deficitaria em tão má conjunctura, está extenuadissima, sendo absolutamente necessario o reforço.

A partida de caçadores 6 para o Funchal deu aso ás costumadas manifestações populares junto do caes de embarque, no Arsenal, fraternizando soldados e paisanos, havendo canticos, vivas, palmas etc.

O sr. ministro da justiça continua, nas horas vagas do expediente da sua secretaria, visitando os edificios que pertenciam ás extinctas congregações religiosas, para conhecer as suas condições, a fim de dar a cada um d'elles a applicação que entender mais util e appropriada.

A difficuldade está agora em contentar todos os pretendentes a esses edificios, tal a quantidade de institutos que desejam e merecem instalar-se convenientemente e de outras entidades que apoquentam o bicho do ouvido ao governo para que os applique a este, áquelle e áquell'outro fim, havendo cada alvitre que é de o chão se abrir.

Commoveu-me a morte do pobre Souza Viterbo, como ha de commover V. Ex.ª, quando souber quem elle era. Porque V. Ex.ª, que não o conhecia, lidava com elle todos os dias. Era o articulista de fundo do *Diario de Noticias*. Grande figura. Deixa uma obra estupenda. Em qualidade e quantidade. Medico, archeologo, jornalista, poeta, Souza Viterbo trabalhou prodigiosamente mesmo nos ultimos annos da sua attribulada vida, cego e doente.

Que admiravel e lucido espirito foi esse homem, indefesso e probo



(Clichés de J. Benoit).

Partida de tropas para a ilha da Madeira. — No arsenal — No momento do embarque



Partida de tropas para a ilha da Madeira. — Os officiaes expedicionarios

trabalhador que nunca foi possível fazer sahir da concha da sua modestia, sempre no cantinho da sua casa, ouvindo ler, ditando os seus artigos, os seus livros, a essa admiravel figura de mulher que é a sua filha, tendo a adoçar-lhe a amargura tremenda os carinhos inextinguíveis dos seus, o affecto de quantos o conheceram.

O pobre dr. Viterbo! Libertou-se...

E por hoje nada mais. Beijo-lhe as mãos e...

... Ai, esta cabeça! Então não me esquecia... O que vale é que o caso não tem importancia nenhuma, mas enfim... Assaltaram as sedes dos tres jornaes monarchicos de Lisboa e inutilisaram tudo—tudo. Como vê, o caso não tem importancia alguma e tanto que me ia escapando.

Adeus, minha querida amiga. Reciba os protestos da minha muita consideração e estima.

De V. Ex.ª

Admirador e amigo grato

CAMARA LIMA.

A Republica ha 40 annos

Tinham corrido bem accesas, bem feridas, as luctas ainda não havia muito tempo travadas contra o despotismo, para que alguém pensasse sequer em levar mais longe as reivindicações liberaes. Se um, ou outro, mais desannuviado espirito tal almejasse, devia de reconhecer em tudo o que o rodeava, que o meio não era propicio para lançar mais adiante a méta dos seus desejos e a verdade é que o povo nem para tanto se achava preparado.

Fidalgos arruinados, apesar de andarem, como moços de estrebaria que eram, de parceria com a arraia miúda nas scenas de tavalagem, de alcouce e de taberna, mantinham-se muito ciosos de pergaminhos conquistados por avós mais ou menos authenticos. A consanguinidade, a ociosidade, o desbragamento que na explosão de tantos vícios se expandiu, em muitos a mais crassa estupidez, o alcoolismo dado em publico espectáculo, as tradições do boçal D. Miguel, da maldita Inquisição e, sobre estes e outros predicaes de egual jaez, a lei dos morgados, caindo de chofre, levaram á ultima degradação essa turba, que no meio de tudo, e apesar de tudo, gosava ainda de uma criminosa

protecção dispensada por auctoridades e particulares. E, como não ha regra sem excepção, de justiça é dizer aqui que houve sempre quem não desdisse dos seus pergaminhos, e alguns até, não contentes com o nome herdado, souberam conquistar outro nas letras, na sciencia, na arte, na industria, ou no alto desempenho de serviços publicos, não menos meritorio que aquelle, por ser de responsabilidade propria.

As eleições vieram quebrar a monotonia do regimen dos corregedores, dando nota viva, bem accentuada, pelo desmando dos caciques e pelos bacamartes dos Brandões n'uma politica de encrusilhada. Do que ellas foram n'esses ominosos tempos podemos em leitura desopilante fazer idéa pela celebre parodia do Roussado ao D. Jayme de Thomaz Ribeiro, pela qual se vê que o eleitor em monção menos tormentosa recebia com a lista uma receita para se ir tratar dos descalabros soffridos. As eleições, episodio devéras interessante da accidentada vida constitucional que se ia arrastando, punham em risco a integridade das costellas dos cidadãos.

Aos velhos marçavam-se-lhes os olhos, ouvindo o hymno da Carta, diziam com frequencia: muito sangue nos custou! e esse miserio diploma, tão esfarrapado por tantos arlequins, não mais era que a sombra de uma constituição.

Esses homens, que encaneceram contando na sua folha de servi-

Visitas do ministro da justiça ás casas religiosas



(Clichés de J. Benoit).

O sr. dr. Afonso Costa no Conventinho do Desagravo, a Santa Engracia

ços a longa jornada do Mindello a Évora Monte, ainda sentiam nos ouvidos o rebarbar das ondas contra os rochedos da Terceira de envolta com os gritos de guerra.

Rainha e Carta! era o brado dos que se arremessaram á bayo-



Dr. Sousa Viterbo

(† a 28 de dezembro de 1910)

O seu funeral foi como que uma glorificação da sua vida de trabalho, de estudo e de honestidade. Representantes do governo e do primeiro município do país honraram-se, honrando com a sua presença a derradeira homenagem prestada ao grande escriptor, cuja obra vastíssima representa uma vida inteira de trabalho dedicadíssimo.

Francisco Marques de Sousa Viterbo morreu precisamente no dia em que fazia 63 annos, pois havia nascido a 28 de dezembro de 1845.

Destinando-se primeiro á vida ecclesiastica, frequentou o seminario e concluiu o respectivo curso. Não se sentindo, porem, com vocação para padre, matriculou-se mais tarde na Escola Medica de Lisboa e á custa unicamente do seu esforço conseguiu formar-se, servindo algum tempo como medico na armada, logar qu trocou depois pelo de professor de archeologia na Academia de Bellas Artes.

D'ahi por diante deu largas ás suas faculdades de escriptor e de estudioso, produzindo uma obra magnifica onde ha muito que aprender.

Paz á sua alma e condolencias aos seus e á redacção do «Diario de Noticias», a qual durante longos annos elle honrou com a sua collaboração.

neta contra os desmantelados reductos do inimigo, ou se lançaram em galope de carga contra os quadrados da infantaria miguelista.

Os velhos tinham, pois, sobejo pábulo no espirito para o resto dos seus dias e só as novas gerações se podiam embevecer com a aspiração de mais altos ideaes.

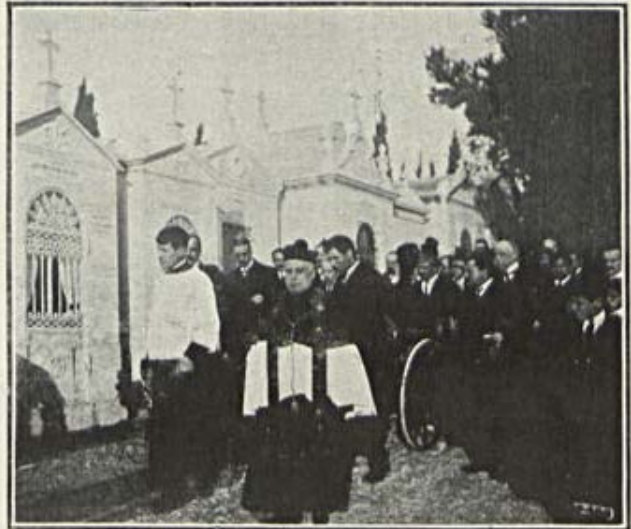
Victor Hugo, o poeta querido, lançava entre os rapazes o fermento de successivas emancipações liberaes; admiravam-se as republicas de 30 e de 48 em França, erguidas como n'um sonho para desaparecerem em breve na vertigem da historia; os seus homens

e os seus feitos eram citados e venerados com frequencia nos cafés e nas associações.

Veio 1870 e a França exhausta lançou-se nos braços da republica como unico recurso para obter uma forma de equilibrio estavel.

A Hespanha inventou uma republica sem republicanos, a qual devia ser derrubada por um tarimbeiro.

Em ambas as nações desabrochou pela primeira vez esta flôr exotica — a *communa* — Paris e Carthagená tiveram repercussão de profunda sympathia na mocidade portugueza e as duas commu-



Funeral do dr. Sousa Viterbo

O cortejo approximando-se do jazigo

nas, como as rosas de Malherbe, foram de ephemera duração. «Ruina augusta de um mundo ainda em germen» disse Roque Barcia, um dos mais inspirados hespanhoes, d'essa Carthagená em que se encerrou e onde passou os tristes dias do apertado cerco.

A mocidade, tendo seguido entre nós com entranhado affecto o movimento communista, não via, portanto, com bons olhos os republicanos d'aquem e d'além dos Pyrinéos, que em ambos os paizes fusilaram os communistas sem dó nem piedade. Transferido para a brigada! era a formula sacramental de que usavam os improvisados conselhos de guerra de Mac-Mahon no pseudo julgamento de qualquer membro da communa de Paris.

Aquelles selvagens podiam até ter dispensado a hypocrisia de constituirem tribunaes. Era uma sentença de chancellia e os carrascos da caserna diante d'esses homens inermes mostravam sempre uma coragem, que ninguem lhes notou quando era necessario desafrontar os muros de Sedan.

A communa prematura passou como tudo passa, o que por lá se



Funeral do dr. Sousa Viterbo

A condução da urna para o carro funerario



Funeral do dr. Sousa Viterbo

Os srs. drs. Anselmo Braamcamp Freire e Bernardino Machado, representantes respectivamente da Camara Municipal de Lisboa e do Governo Provisorio

(Clichs de A. C. Lima).

fez não nos encantava à medida que o iam sabendo e as desilluções fizeram-nos resfriar.

São d'essa phase os versos de Freitas Costa, extrahidos do poemeto *A Nova Redenção*, que vem nas *Filigranas*:

A ti que és grande e forte, oh povo soberano!
Que tens na mão fremente o gladio das vinganças,
Compete, firme e audaz, às loucas esperanças
Das reacções oppôr o teu robusto plano.

A aurora vem rompendo: o livre Socialismo
Combate na tribuna a imprensa deshonrada,
E ao krupp gigantesco, ao scintillar da espada,
Titanico responde: «Abaixo o Panperismo!»

Eu tenho, como vós, oh Christo! um evangelho
Nos livros de Proudhon, a bíblia do Futuro...
Combato os phariseus, a treva, o erro escuro,
E faço, como vós, a guerra ao Mundo Velho!

Deixar á causa infame... a causa que a deshonra;
E vós, filhos da plebe, entre o fragor da lucta,
Mostrae inda uma vez á multidão corrupta,
Que a blusa do Trabalho é o symbolo da honra.

Para discutir os successos da communa os estudantes das escolas de Lisboa fundaram a Federação Académica, onde n'uma assembléa geral foi proposto, que também se deveriam admitir mulheres como socias, o que provocou ao Figueira, do Instituto Agrícola, o áparte, de que a essas se deveria chamar *sucias*.

O tempo ia correndo e os ardôres socialistas decrescendo, mas em todos os tons se cantavam sempre hymnos á republica. E' vêr, por exemplo, o que disse Souza Viterbo, na sua poesia: *O Carrasco*:

Que-lhe importa que os martyres que passam
levem no rosto a livida tristeza,
que sejam os heroes da Marselheza,
que morrem, como os cygnos, a cantar?

e n'esta: *A Republica!*

Tremeis? Vede-a dormindo socegada,
a densa dos combates sempiternos;
ragem-lhe em tórno os horridos invernos
e tudo é para ella uma alvorada.

Não penseis que ella durma, embriagada
no sumo grato dos reaes phalernos;
como Dante, desce aos vis infernos
e repousa momentos da jornada.

Filhos do negro val, filhos da serra,
erguei os vossos gladios coruscantes,
á luz d'aquelle olhar que se descerra.

Ide, apertae-lhe os seios uberantes!...
De cada gota que cahir na terra
hão-de surgir impavidos gigantes!

Em devaneios, como estes, se fôram passando mezes e mezes, até que em 1875 um grupo de homens notaveis, a que muitos dos novos nos fômos aggregando, fundou o jornal «*A Democracia*» cujo programma, sempre apresentado no alto das suas columnas, como artigo permanente, deveria o partido republicano, que só mais tarde se constituiu, inscrever nas linhas de fôgo do seu credo.

E, muito do que se disse n'esse periodo de lucta, em que se conseguiu uma lei de imprensa, o codigo administrativo de 1878, o registo civil, n'uma época em que todos suppunhamos que a republica seria irrealisavel em nossos dias, continuará nas sociedades, principalmente burguezas, que se hão de succeder, a constituir uma aspiração, como aquella que nos acalentava e nos ia inflammando a palavra.

L. P. Marrecas Ferreira.

O RUY

Quando Gustavo de Menezes, concluido o curso, abriu a mala pobre de estudante aos olhos alvoroçados da familia em festa, viu-se que apenas trazia de Lisboa uns luzidos diplomas de engenheiro e um fatinho de velludo azul para o irmão mais novo — o Ruy, um alegrissimo rebento de tres annos, porventura o ultimo botão serodio da roseira conjugal.

A' investidura, feita pela prima Laurinda, que era a favorita dos beijos e das traquinices do Ruy, assistiu a numerosa familia Menezes, trocando-se, ao petiz, as saias curtas e as calças largas de renda pelo calção aberto, de modo a alliviar as impertinencias irrevogaveis da natureza.

— Já é um homem! exclamou Gustavo erguendo-o acima dos hombros, para lhe beijar a testa.

— Até já se pode casar... confirmou a prima, beijando-o também na fronte.

— Agora, juizo — muito juizo! recommendou o pae com severidade mal simulada.

E o Ruy, contentissimo, meio envergonhado, sobraçando o traje antigo, desapareceu da sala, deitando a correr para o quarto da mãe, a mirar-se sósinho no espelho grande do guarda-vestidos.

Uma homenagem ao bispo de Vizeu



A estatua do energico estadista

Um grupo de vizienses, querendo honrar a memoria do seu illustre patricio, o bispo de Vizeu, encomendou ha tempo ao escultor Teixeira Lopes a modelação d'uma estatua do grande liberal de quem tanto se orgulha a patria de Viriato.

A estatua que pesa 4.000 kilos está já fundida, tendo durado os trabalhos 14 mezes.

Muito brevemente seguirá para Vizeu onde será inaugurada no proximo mez de fevereiro.

Na sala de visitas, passada a gargalhada que festejou a corrida do Ruy, começaram as palestras serias sobre a carestia de vida e as difficuldades de collocar os filhos.

Falou-se de politica, do tempo, de vestidos, das colheitas, dos namoros, de rendas, de mil cousas graves e futeis, concluindo as senhoras por constatar que a falta de rapazes tirava a fé e o rubor ás faces de muitas raparigas, condemnadas a morrer de branco, sem as graças fecundas do matrimonio.

Gustavo, sempre alheio á vida do sentimento, falava, com um tio

velho, de minas, comboios e machinas, sem reparar que os olhos das raparigas novas o queimavam, despeitadas de o ouvirem dissertar sobre metaes e machinismos.

A Laurinda, isolada friamente no seu vestido branco, sentára-se abstracta na sacada, a estudar — como ella dizia — a theoria do amor



A esposa do Senhor D. Miguel de Bragança
Senhora D. Maria Thereza de Loevenstein, cujo anniversario natalicio
passou a 4 do corrente

na mutação constante das nuvens, mostrando-se indifferente á conversação de Gustavo, de quem se affirmava ser a antithese psychologica.

«Nunca se amariam», pensavam desoladamente os paes.

A Laurinda e o Gustavo — ninguém duvidava — eram absolutamente incapazes de se apertarem a mão com amor.

Ao novo engenheiro, attribuia-se-lhe sciencia capaz de produzir a mais extraordinaria das machinas, concordando-se tambem que lhe faltava capacidade cardiaca para conter o resumido amor da sopeira menos exigente.

A mulher só a acceitaria se um dia a encontrasse no X de um alto problema mathematico, e o amor, fosse embora um axioma, nunca lhe fôra preciso em qualquer locubração de engenharia.

Na opinião severa de uma lisboeta desilludida, Gustavo não era um homem: era uma caixa de algarismos.

E a despeitada dama tinha razão, porque Gustavo, enquanto os condiscipulos se consumiam debruçados sobre longas cartas de amor, a avaliar a razão e o peso metallico das noivas, estudava elle sobre cartas de minas e pontes, enchendo a cabeça e mil papeis com cerradas nuvens de algarismos.

Apesar de tudo, era o desespero das mulheres: aquella que lhe demonstrasse, com exactidão, a absoluta necessidade de a receber por esposa, tinha, ao menos, a certeza de levar para casa um marido-chronometro, um marido fiel, a regular bem como um relógio suíço.

Gustavo era, pois, um homem solido, pesado e mechanico, parecendo usar parafusos nos pés e dobradiças nas articulações.

Talvez por tudo isto a espirital Laurinda mal o olhava, guardando todas as caricias para o Ruy, embora este tivesse com o engenheiro uma semelhança perfeitissima.

Extravagancias da Laurinda, que era uma exquisita belleza de 22 annos, abrindo serenamente, imperturbavelmente uns olhos immensos de um azul sempre impassivel e distante — um azul sem termo, azul diaphano e largo de firmamento, onde os olhos dos admiradores se espalhavam tranquillos, e se cansavam de fitar um ceu claro, sempre vazio de estrellas e de promessas...

A luz dos seus olhos, derramando-se em sua volta, envolvia-a n'uma azulada atmosphera de sonho, tornando-a distante e translúcida.

Mal despertava um desejo, logo se distanciava, quasi se dilluía, deixando apenas uma atmosphera immensa que nenhuns braços estreitariam, nenhuns labios sentiriam proxima.

E speranza nella, nunca alguém a teve. Bastava ver-lhe os olhos, o azul perpetuo, sem horizonte e sem noite, á volta do qual a sua cabeça de loira era um sol do meio dia a envolve-la em claridade. Era sempre serena, intangivel, inconquistavel, illimitada.

Se fôra possivel apagar-lhe o sol dos cabellos e fazer a noite no azul daquelles olhos para ver nelles as estrellas, as promessas, os mysterios longinquos? Mas como?

Só causando-lhe uma dor.

Elle, porém, era impassivel, fixando-se n'uma atmosphera tão alta, que nem o gume de um pensamento a podia maguar. Todos os olhos, todos os brilhos, todas as coisas bellas a reflectiam — só ella não reflectia ninguém.

Os rapazes, ao vê-la passar, sempre vestida de branco, murmuravam interessados e sem ciúme:

«Esta é de toda a gente... como o firmamento...»

E nem se descobriam, de maravilhados, como se estivessem admirando uma linda e phantastica nuvem branca que fosse deslizando nas alturas do ceu...

Estavam explicados os amores da Laurinda pelo Ruy.

Numa mulher assim — era a opinião da familia — só podiam caber os beijos de uma creança.

Olhando as nuvens, sentada na sacada enquanto a familia palestrava, estaria ella pensando no Ruy.

O Ruy é que certamente não pensava nella.

Depois de se mirar, contentissimo, ao espelho grande, começou a sentir que as alças dos calções lhe derreavam os hombros, e que o maneo duro dos botões lhe pisava os deditos tenros.

Vieram-lhe saudades dos colehetes e dos bibes largos que serviam para conduzir regaçadas de terra, de flores e bolos.

E mettia, com esforço, as extremidades das mãositas nos bolsos, a verificar desoladamente que mal cabia em cada um a ponta de um pequeno bon-bon!

Que saudades do bibe largo! Os seus passos eram outr'ora ligeiros e grandes, a toda a largura do vestido, e o bibe sentia-o como uma aza que o fazia voar nos pulos e na carreira. Lembrou-se da creada velha que cortava as voadeiras ás gallinhas saltadoras e peiava a cabrinha na herva do quintal...

Olhando o calção, soffreu a illusão de o terem rachado da cintura aos tornozelos. As meias, com veios encarnados, lembraram-lhe riscos de sangue a escorrer. Sentou-se afflieto a pensar na sua vida, nos calções e nas palavras que lhe tinham dito.

«Era já um homem que precisava juizo para casar!»

Casar!...

Em que trabalhos ia metter-se! «As mulheres são todas umas doidas», ouvira elle exclamar muitas vezes. Se casava com alguma a quem desse a doidice para lhe bater ou para o lavar a miudo? Uma mulher que não soubesse fazer doces nem cantigas como a mãe? Ainda



VIDA UNIVERSAL

Como te enganas tu, fatua creatura humana,
julgando-te, entre os mais, o unico ser pensante!
A origem d'onde vens é a mesma d'onde emana
o insecto, e a ave, e o musgo, e o mineral brilhante.

Tudo em torno de nós é vivo e palpitante;
e, em toda a parte e sempre, a força soberana,
mude embora de aspecto, ou surda, ou trovejante,
no principio e no fim, tudo o que existe, irmana.

Se da vida perscruto o mysterio profundo,
vejo um'alma commum dando a existencia ao mundo,
eterna, a reviver nos plasmas, nos crystaes...

Sob formas sem conta a mesma luta antiga!
E as mesmas sensações de dor e de fadiga,
no homem, no cão, na flor, nas pedras, nos metaes.

Pernambuco — Setembro 1910.

Odilon Nestor.

se o quizesse a mulher do Antonio, o carpinteiro visinho que fazia carinhos bonitos e tinha em casa muitos filhos com quem brincar?...

E tomar juízo?!...

Isso então era horrível! Lá dizia o tio Francisco que um rapaz, para dar juízo, devia ser malhado como o trigo na eira! Mesmo o pae, que era tão bom, quando os irmãos crescidos mostravam falta de tino, dizia que um bom pau de marmelleiro dava boa marmellada e bom juízo!... Ainda se o juízo lh'o mettessem no corpo com a lanceta da vaccina... Mas, assim, malharem-n'o, moerem-lhe o corpito de pancadas, só para ser um homem casado de juízo!...

Duas lindas lágrimas acesas rolaram no velludo azul do calção.

E, depois, ser homem era andar sósinho pelo escuro, cheio de lobos e trovoadas, montar em cavallos bravos, correr mundo, de dia e de noite, sósinho!...

Ser homem era, por fim, perder o collo da mãe, da sua mãe, da sua mãesinha!...

dos, transplantando-os em seguida nas orbitas e pega-los com muitos beijos, demorando os labios sobre as palpebras. Quando os beijos eram muitos e longos, o Ruy acreditava ficar com os olhos da prima até novos beijos que os destrocassem.

A familia inteira ria do brinquedo que enchugara as lagrimas do Ruy. Só o engenheiro estava inquieto, parecendo contrariado de que a prima lhe beijasse o irmão.

Logo que o brinquedo terminou, depois de trocarem e destrocarem muitas vezes os olhos, arrancou o Ruy do regaço da prima e beijou-o com phrenesi, propondo, em seguida, affogucadamente, que todos pasassem ao jardim.

..

A tarde passou-se na cerca ornada de lagos e caramanchéis, de flores e sombras, passeiando-se e jogando-se ao ar livre.

EM HESPANHA



A Rainha D. Maria Christina e a Infanta D. Maria Theresa tendo ao collo duas das crianças protegidas pelo Asylo das Lavandeiras

Cerrou os olhos nas mãositas tremulas, desatando a chorar convulsivamente. Já não queria ser homem. Deu-lhe vontade de se esmurrar heroicamente no chão, de fazer sangue na cabeça, para que a mãe viesse buscal-o ao collo.

Depois acudiu-lhe outra ideia: desapertou e despiu o fato de velludo, acolcheton a saia larga lançando um bibe por cima, e entrando espavorido, a correr, na sala de visitas, atirou-se ao regaço da mãe, protestando, resolutamente, a chorar:

— Já não quero ser homem, quero ser sempre filho da mãe!

A Laurinda deixou a sacada, correndo a toma-lo nos braços e a beija-lo estridentemente no meio das gargalhadas da familia.

O Ruy chorava, chorava que parecia um desgraçado!

A Laurinda, para o animar e distrahir, propoz-lhe a troca dos olhos, brinquedo que o Ruy apreciava immenso.

Trocar os olhos era arranca-los suavemente com as pontas dos de-

O Ruy, com o seu bibe largo e os olhos finos de ave travessa e veloz, pulava por toda a parte, apreciando tudo, surprehendendo todos.

A sobremesa do jantar, servido n'uma mesa de granito sombreada por um velho cedro, Laurinda prometteu-lhe uma trouxa de ovos se quizesse trocar os olhos com os d'ella.

O Ruy, com a bocca atulhada de doce, acenou affirmativamente, correndo a trepar á cadeira de Gustavo.

As faces de Laurinda pareciam laere a queimar.

— Então, então?! — gritou-lhe com grande esforço. Já não queres os meus olhos?!

— Quero, quero — explicou levando as mãos aos olhos de Gustavo — São estes...

Ouviu-se por toda a cerca uma gargalhada retumbante.

— E os do Gustavo são esses — esses que tu tens — continuou o Ruy, apontando o rosto de Laurinda.

Todos comprehenderam, baixando os olhos maliciosamente.

No prato de Laurinda cahiram duas lagrimas ferventes.

— Eu bem vos vi alem, ao pé da figueira, a troca-los... concluiu o Ruy com verdade.

Gustavo baixou a fronte, encobrendo o rosto vermelho com o peito do irmão.

No circulo dos convidados houve olhares de espanto, ciume, esperança, regosijo e reprehensão.

Mas, subitamente, um amabilissimo velhote fez estalar a primeira rolha de champagne, e olhando o engenheiro Gustavo e a celestial Laurinda, explicou indulgentemente que era facil a um mathematico cahir, por distração, no campo da astronomia...

Mezes depois, o mesmo bom velho erguia a sua taça brindando a um noivado, e d'ahi em diante, nem o Gustavo que era a cara do irmão nem a Laurinda que tanto gostava do Ruy, o beijavam, um após outro... com a mesma loucura...

P. ALVARES D'ALMEIDA.

A M.^{ELLE} JUDITH

(N'um leque)

Quando junto das portas da Bethulia
Holophernes prostrado adormecia,
Decepou-lhe Judith — uma judia —
A cabeça viril com força herculea.

Holophernes não sou, mas appareça
A que me queira por amor matar,
E amor, fé, alma, coração, cabeça,
Tudo lhe ponho aos pés... se ella mandar.

Joyce Victor.

RIO DE JANEIRO



Um trecho da rua 1.ª de Março

A Serra da Estrella

(Conclusão)

Emfim, na lenda do *Estella* apparece um altar e um castello no sitio de *Arunce*, o que tem levado alguns criticos a approximal-a

relativamente moderno e o *Estella* romano, se existiu, dista muitos seculos da recente designação da serra. Estamos de accordo com o criterio de Eduardo Coelho que incluiu esta lenda nas — *bastantes petas poeticas que Leitão nos impingiu*.

Manuel da Esperança refere uma outra lenda que tem, a nosso ver, a confirmação da tradição oral. Conta: *E imaginam alguns que lhe derão este nome (Estrella) por causa de um penedo que estava no alto d'ella, figurado como estrella de pedra: mas nem elle se vê hoje nem de lá ficando desviado, o avião de tirar para algum edificio. Pelo que suspeitam outros que seria por razão d'hua estrella notavel, ou de primeira grandeza, a qual nasce sobre esta mesma*

Aspectos da Serra da Estrella



As thermas de Monteigas

do castello de Louzã; e, na verdade, este castello com o altar de Trevim tem originado muitos e curiosos contos de fadas...

Escusamos de demonstrar a impossibilidade de relacionar tal novella com a Serra da *Estrella*; este appellido, como dissemos, é

serra a respeito dos que ficão para a banda do norte, na comarca de Vizeu, quando o sol se vae pondo nos mezes de julho e agosto. E assim como os povos que nos são orientaes, por contemplação do Hespera que acompanha no seu occaso o Sol chamarão Hesperia

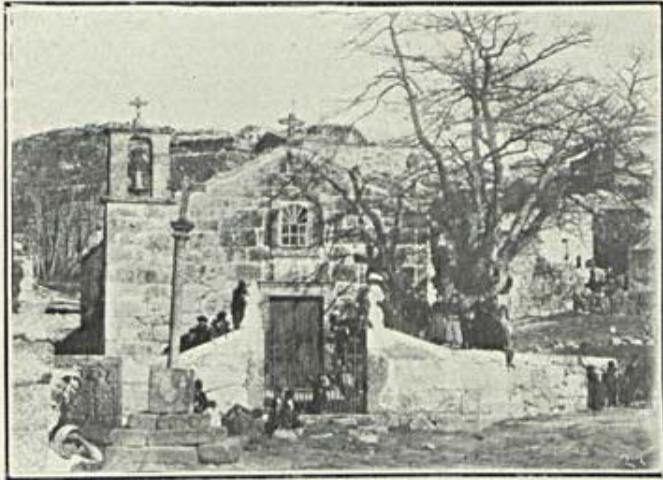


Aspectos da Serra da Estrella. — *Salgueiro, pequena povoação de pastores*

à parte occidental de Hespanha também pela dita causa se chamou — da Estrella esta serra.

Pinho Leal, não contrariando esta lenda, phantasia-lhe um templo dedicado a Lucifer (estrella d'Alva), que teria existido nos tempos gentílicos.

Não acceptamos a variante. As lendas são como a tradição as conserva. Embora seja provável a existencia d'um altar votado ao



Aspectos da Serra da Estrella. — A ermida do Sabuqueiro

culto religioso, no cume da serra, como reconhece o sr. Marrecas Ferreira, pois os povos mais antigos costumavam erigir os seus altares nas serranias eminentes, como attesta a etymologia de altar (*altus*); embora se contemplem ainda hoje n'alguns contrafortes e ramificações d'esta serra altares erectos em honra de *deuses*, (Trevim, na Louzã; Cinthia, na serra de Cintra, que deram os nomes às serras respectivas); embora enfim pretendam alguns derivar por analogia o appellido *Estrella* de um altar construído no anto da serra, — não nos parece que a lenda tenha semelhança provável com a variante referida por Pinho Leal.

Diremos que a tradição oral corrobora as nossas asserções; e não nos parece possível que, embora desnaturada a lenda do altar dedicado a *Lucifer*, ella se tivesse apagado completamente da memoria dos habitantes d'estas paragens, tanto mais que nem ha tantos seculos se denominam — Serra da Estrella.

Outra versão:

O sr. Oliveira Marrecas, estudando a conformação topographica da serra, reconheceu uma certa protuberancia na cumiada mais elevada, que se destaca no interceptar das linhas orographicas dos contrafortes, cujas linhas vão morrer em forma de botão, apresentando o vertice um enorme relevo dividido em gomos. Descreve em seguida a planta cotada com curvas de nivel, que tem effectivamente

mais ou menos a forma de uma estrella, no sitio mais culminante (Malhão) e para provar as suas asserções refere alguns exemplos de logares alterosos chamados *Estrella*, como *Senhora da Estrella* proximo da Villa de Gaia, considerando a palavra uma designação generica da nossa nomenclatura chronologica.

Apesar das conclusões escrupulosamente deduzidas pelo illustre investigador, que muito admiramos, parece-nos que a designação locativa não provém do accidente orographico em questão. Embora a planta cotada dê na realidade aquella configuração, não é provável que os escriptores dos seculos XVI e XVII possuíssem um conhecimento tão rigoroso da serra a ponto de filiar o seu nome n'um accidente orographico, quando é certo que, como vimos, divergem as referencias sobre o local em que tal saliencia se manifesta. Na verdade uma das lendas ajusta-se ao actual conhecimento da situação topographica da serra: porém, crêmos, não foi essa a lenda que originou o appellido *Estrella*.

Se ainda hoje se perguntar a quaesquer dos habitantes das povoações, que demoram proximo das abas d'estas montanhas, a razão do appellido *Estrella*, responderão unisonos: — «porque lá nasce uma estrella de madrugada durante o verão, chamada *Estrella d'Alva*, a mesma que nos apparece ao anoitecer durante o inverno».

Parece-nos ser esta a verdadeira lenda que originou o nobre e altaneiro titulo, que designa a maior altitude do paiz.

Adelino de Abreu.

Palestras navaes

IV

Depois da nossa trabalhosa e muito enclomada viagem de Mahé soube-nos bem algum descanso em Mayotta no modesto hotel onde nos albergamos, que parecia ser o unico digno d'esse nome. Ah! conhecemos alguns empregados da administração franceza, uns que iam só comer e outros que também alli moravam.

O viver n'aquella ilha era simples a valer. Depois do almoço, que era tarde, á moda franceza, dormia-se uma sesta e quando o sol começava a declinar ia-se dar um passeio de uns 2 ou 3 kilometros pela estrada que une a povoação de Zaudzi com a ilha de Pamanzi, maior ou menor, conforme o gosto e o vigor do passeiante, e voltava-se ao pôr do sol ao hotel para tomar o habitual Vermouth; ás 7 horas ouvia-se um tiro de peça dado na bateria da terra e toda a gente ia habitualmente jantar e cavaquear um pedaço.

Conhecemos entre os nossos companheiros Mr. Amiel, director dos correios, com quem tínhamos de travar conhecimento, pois que mais tarde teriamos de estreitar muito as nossas relações com aquelle cavalheiro pela natureza postal que havia de ser dada principalmente ao navio que iamos commandar. Mr. Amiel era um grande conversador, engraçado, e logo que tivemos com elle a necessaria amizade e confiança, conversava largamente a respeito dos pequenos escandalos da administração franceza muito parecida com a nossa n'esse ponto. Nada diremos sobre o assumpto para não devassar em paiz estranho os pequeninos podres com que nada lucravamos. N'esse



Aspectos da Serra da Estrella. — Povoação Nova, pequena povoação de pastores

assumpto cada qual vive como lhe é possível ou como lh'o toleram, mas é melhor não falarmos em coisas tristes que em todo o caso e n'aquellas alturas formam os topicos principaes dos cavacos intimos sempre cheios de interesse, como é natural em uma ilha privada de communicações telegraphicas com o resto do mundo e apenas servida com um correio ronceiro que nós já muito bem conheciamos por experiencia propria.

O governador geral de Moçambique, coronel Fernando da Costa Leal, tinha-nos promettido, ao apartar-nos d'elle na occasião de sairmos de Moçambique na *Infante D. João* em outubro de 1869, que nos mandaria buscar a Mayotta por algum navio da estação ou pelo proprio *Quilimane* que acabava de ser adquirido pelo governo pela quantia de 48 contos de réis. Tinha decorrido porém tanto tempo já depois da nossa sahida de Moçambique que começavamos a ter vagas apprehensões de qualquer sinistro muito possível n'aquelle paiz de febres de mau caracter. Não antecipemos porém, e continuemos a nossa narrativa. Os dias succediam-se monotonos e pautados em um viver sem alteração de especie alguma. Uma grande insipidez!

Demos alguns passeios a alguma propriedade assuacareira com o dr. Grenel ou outro amigo nosso de occasião e vimos um pouco o interior da ilha, a sua vegetação, o seu modo de ser economico e a sua riqueza limitada e perfeitamente conhecida. Alguns navios mercantes de vela que iam nas épocas proprias carregar alli apenas, e nada mais que pudesse prender o espirito ou entreter a imaginação sempre avida de distracções.

Quando sahimos de Lisboa receberamos as passagens em dinheiro, o Madeira em segunda classe nas Messageries e nós em primeira. O Madeira, que era homem de viver modesto e não falando o francez, preferiu fazer a viagem em terceira classe e economisar, para fazer face a futuras contingencias, a differença que agora no fim da viagem, longe de todos os recursos e em terra estranha, nos fazia muita conta. Foi assim que nos foi possível pagar no hotel em Mayotta até ao ultimo real, fazendo nós boa figura e liquidando-se depois tudo em Moçambique com equidade e justiça. Se tivéssemos tido de pagar as comedorias da viagem de Mahé a Mayotta, os dois davamos com os burrinhos na agua. D'esta maneira, e com uma tal viagem cheia de imprevistos e atrasos não chegavam as ajudas de custo que nos deram em Lisboa, e que eram as legaes.

Mas o tempo ia correndo, o dinheiro ia-se gastando, não havia noticias de confiança de Moçambique e ninguém apparecia a rece-

ber a mala. Tinha chegado uma antes da nossa chegada a Mayotta, chegando uma na *Levette* comnosco, e devia estar a chegar uma terceira em poucos dias, sendo provavel que a Junta de Fazenda em Moçambique votasse de bom grado uma razoavel somma para fazer chegar a Moçambique esse montão de noticias frescas.

Em taes circumstancias, resolvemo-nos a tomar a grande responsabilidade de fretar um pangaio pequeno em nome da Junta da Fazenda, para nos levar ao nosso destino. Tratámos de indagar e soubemos que estava justamente um com bandeira franceza, recém-chegado de Zanzibar com coiros verdes, e que estava na praia enalhado a lavar por dentro e a dar exteriormente um inducto de *gala gala*, untura de cebo e cal que antigamente se usava para tapar os intersticios da madeira e tornar o barco mais andejo.

O pangaio, de que apresentaremos aos nossos leitores um desenho fiel no proximo numero, era um barco de 20 metros de extensão por uns 5 de bócca, chamado *Saint-Charles*. Não tinha convex mas tinha um castello a vante e um tombadilho á ré que não tinha mais de uns quatro pés de altura e onde era o alojamento para dormirem os dois passageiros europeus. Sobre o castello havia um caixote com areia e quatro pedras que servia de cosinha. Sobre o tombadilho havia outro caixote com arroz em bate (com casca) dentro do qual estava installada o melhor que era possível a agulha, que se collocava alli pouco mais ou menos e a olho, e orientando-se a linha de fé como calhava.

A tripulação do pangaio era de vinte homens, todos mussulmanos e não falando uma palavra de portuguez, não tocando em qualquer coisa das bagagens ou rancho de christãos. Entre o mastro do pangaio e o tombadilho havia um telheiro de *olas* (folhas de palmeira), que servia de abrigo aos tripulantes. Admirámo-nos de que em um barco tão pequeno e de manobra tão singela houvesse tanta gente; mas vimos que a tripulação não era exagerada. Logo explicaremos isso, não vale a pena fazel-o já.

Entendemos util e mesmo indispensavel, depois de termos fixado as nossas vistas no pangaio *Saint-Charles*, fazer lavrar um contracto escripto em portuguez e em arabe, de que temos muita pena não termos guardado uma copia. As principaes clausulas eram as seguintes: Os arabes navegariam como entendessem guiando-se pelo tal roteiro a que já nos referimos no decurso d'estas palestras, sujeitando-se contudo a qualquer alteração de rumo que entendessemos dever fazer, pois que observavamos a latitude e viamos todos os dias o mappa. A Junta de Fazenda de Moçambique compromettia-se a pa-

LIVROS

O solar das Fontainhas

Scenas do Porto

Quem negar a fecundidade litteraria de Antonio de Albuquerque nega uma verdade. Ahi está a prova-la este interessante volume, sahido agora dos prélos da Livraria Editora, da Rua Anrea, Cernadas & C.^a

Dedica-o o auctor ao Dr. Theophilo Braga, e como que para provar que é inexgotavel a sua veia romantica annuncia para breve, no frontespicio do livro, quatro romances e um volume de contos.

As qualidades que assignalavam os anteriores livros do auctor do *Solar das Fontainhas*, phantasia exuberante manifestada ao mesmo tempo no poder descriptivo, na creação de personagens, e no desdobrar da acção, e a faculdade de exprimir em linguagem, que por ser facil e familiar não deixa de ser litteraria, os sentimentos que dão ás situações vida e relevo, á farta se exhibem no volume que acabamos de ler e que podendo desagradar a alguns espiritos pela escolha dos assumptos que, como o dos romances que o antecederam, representam um phenomeno idiosyncratico da personalidade do escriptor, deve agradar a todos pelo interesse litterario que desperta, e pela emoção que produz.

Recordações

Um livro mais, mais uma vibrante manifestação de um talento que a morte apagou cedo, impedindo-nos de ver e admirar todo o seu brilho. Estas obras posthumas, que o amor materno se consola em dar a publico, avivam a recordação d'elle e mitigam a saudade que o seu desaparecimento deixou nos corações onde vivia.

Por isso tem o titulo que deve ter o volume agora publicado pela typographia França Amado, de Coimbra, por isso o nome de Herminio da Silveira, mais uma vez evocado e repetido por aquellos que leiam as paginas litterarias d'este livro, continuará a viver na lembrança dos que em vida o conheceram, e depois de morto não cessam de admirar as brilhantes manifestações do seu espirito juvenil.



Julio Cesar de Vasconcellos Correia

(† a 31 de dezembro de 1910)

Publicamos n'esta pagina o retrato do illustre engenheiro naval que a morte arrebatou ao carinho da familia e dos amigos devotados — Vasconcellos Correia. Foi um trabalhador incansavel e um homem que teve sempre a religião da probidade, sabendo conquistar o direito a todas as sympathias.

Julio de Vasconcellos, ultimamente reformado no posto de capitão de fragata, foi engenheiro naval no arsenal de marinha, onde prestou relevantissimos serviços em trabalhos de alta importancia, desempenhando n'esses longos annos de actividade varias commissões technicas no estrangeiro. Entre outras condecorações tinha a da Legião de Honra. Nos ultimos annos foi um apaixonado do automobilismo, e deveu-se ao seu esforço a creação de uma das mais bellas garages de Lisboa.

O illustre extinto, um exemplarissimo chefe de familia, era pae dos nossos velhos amigos dr. Augusto de Vasconcellos, enfermeiro-mór dos hospitaes, e Antonio de Vasconcellos, um dos administradores da Companhia dos caminhos de ferro.

O Brasil-Portugal associa-se á dôr que os punge pela perda de um morto querido, que lhes legou a consolação de um nome honrado.

gar ao patrão a quantia de 120 pesos francezes apenas chegassemos a Moçambique, podendo o pangaio seguir para onde lhe conviesse melhor, etc.,

Depois de tudo assim disposto fomos procurar o coronel Colomb, commandante superior de Mayotta e dependencias e expozemos-lhe a nossa situação bastante obscura e esticada, pedindo-lhe que nos mandasse entregar as tres malas para Moçambique, que nós transportariamos ao seu destino.

— Por caso nenhum, disse-nos o coronel, eu tenho ordem do meu governo para só entregar as malas a um navio de guerra portuguez que aqui venha para isso e v. vae num pangaio que não offerece garantias de chegar ao seu destino.

Sorrimos a um tal elogio funebre e dissemos-lhe:

— Não hade ser tanto assim e sendo nós official da armada temos sextante e mappas, tencionando navegar tão bem ou melhor ainda do que o fez Vasco da Gama ou Bartholomeu Dias. Tranquillise-se pois. E depois devo recordar-lhe que algumas vezes, em lugar de um navio de guerra foram aqui entregues as malas a um pangaio em que vinha um simples cabo de esquadra representar o governo portuguez. Os dois pangaos valem pouco mais ou menos a mesma coisa, e a pessoa do cabo não vale certamente muito mais do que a nossa.

O coronel Colomb cedeu á nossa argumentação e mandou-nos entregar as malas.

O coronel Colomb era um homem militarão ríspido, auctoritario, educado nas boas normas do imperio. Quando em Portugal se deu a revolução do marechal Duque de Saldanha contra o ministerio de 19 de Maio, dizia-nos elle muito exasperado e acceso em furia que o marechal devia ser fusilado!

Mas quando pouco depois houve a guerra franco-prussiana e a capitulação de Sedan, que aniquillou o Imperio, foram arrancados de uma das salas do palacio os retratos do Imperador e da Imperatriz e removidos para um sótão. Apparecemos nessa occasião no palacio pedindo ao commandante superior que nos vendesse aquelles bonitos retratos que eram de uma pintura exuberante e com riquissimas molduras, mas S. Ex.^a que era homem de principios ríspidos mas de facil adaptação ás circumstancias, respondeu-nos prudentemente que os não podia vender; e accrescentou:

— On ne sait pas ce qui peut arriver!

Por esta altura correu em Mayotta um boato vago e sinistro da morte do governador geral de Moçambique Fernando Leal. Quem trouxera tal boato não se sabia, mas o caso era que mais tarde veio elle a ser confirmado quando chegámos a Moçambique. Explicava-se assim o motivo que impedira o pobre governador de nos mandar buscar em um navio de guerra.

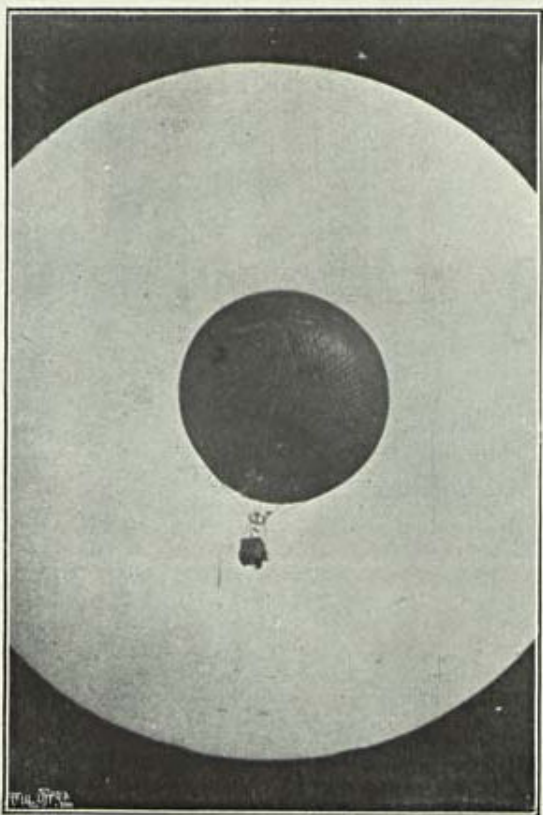
Estavamos a concluir vinte dias de permanencia em Mayotta e tinhamos tudo bem disposto para a partida para Moçambique no nosso pangaio fretado por um preço modico. E' provavel que nunca tres malas da Europa tivessem sido transportadas de Mayotta para a costa por tal preço: quarenta pesos cada uma! E os nossos fundos particulares estavam quasi a dar a alma ao Creador.

A 29 de Abril de 1870 com tempo muitissimo bom, vento de E bonançoso, embarcámos no pangaio e velejámos ás 9^h da manhã directos pela passagem de Zambouron. O vento chamou-se a E: E NE sendo necessario bordejar para montar a ponta N. da ilha Zamborou. Pouco depois metteu-se a noite e acalmou de todo o vento.

No dia seguinte e no 1.^o de Maio, calma terra a vista das ilhas Mayotta e Anjoanne. O navio fazia uma grande quantidade d'agua. Tratámos por curiosidade de avaliar essa quantidade e pela capacidade media dos baldes, pelo numero d'elles e pelos periodos em que esta operação se punha em pratica, podemos concluir que nas circumstancias excepcionalmente favoraveis que tivemos, em calma e sem agitação, o navio fazia a bagatella de 7 litros d'agua por minuto ou mais de uma tonelada por dia. E eis ahi está para que eram necessarios os 20 homens de tripulação! Se viesse a chover ou a haver grandes balanços entraria muito mais agua pelas costuras altas do costado e pelo tombadilho.

Na noite de 2 fez-se um pouco a brisa de S: SSE, ao meio dia tinhamos de Latitude 13°, 13': de noite cahiu mais o vento diminuindo o andamento. Parece que as aguas vão ao N pois que tendo nós navegado sempre ao W S W da agulha vimos ao N E 4 N uma sombra que parecia arrumação de terra e que, segundo as maiores probabilidades, deveria ser o pico altissimo da ilha do Comoro, se a vista nos não enganou tivemos tambem em tal caso grande corrente a S. Preparámos os dados necessarios para de noite observarmos as tres estrellas *Arcturus*, *Vega* e *Antares*, mas os horisontes muito encimados não deram licença.

AERONAUTAS



A aeronauta D. Mercedes, por cima da cidade de Lisboa atravessando o mar



A capitã D. Mercedes no Jardim da Castelhana em Madrid

Vae brevemente o Brasil applaudir os arrojados aeronautas D.^{as} Mercedes e João Corominas, que em Valença, em Madrid e em Lisboa, não ha muito arrancaram applausos ás populações entusiasmadas.

Tinham elles resolvido partir para o Rio de Janeiro na primeira quinzena d'este mez, mas incidentes que sobrevieram, e principalmente a necessidade de proceder a certos arranjos nos baldes, que hoje reproduzimos em nitidos «clichés», obrigaram-os a adiar a viagem para fevereiro proximo.

As principais cidades do Brasil: Rio de Janeiro, S. Paulo, Santos, Pernambuco, e provavelmente Pará e Manaus, vão os dois aeronautas mostrar quanto são destemidos, e de certo colher ovações identicas ás que com justiça lhes tributaram varias cidades europeias.

O dia 3 de Maio amanheceu lindíssimo, vento brando que se foi fazendo a pouco e pouco, dando algumas rajadas pelas 10^h do dia, e fazendo uma ameaçadora mas pouco duradoira careta que logo a seguir se dissipou sem deixar vestígios. Latitude 13° 35' Longitude presumida calculada a olho pouco mais ou menos 43° 12' E. G^h. Não devia estar muito mau este ponto. Soprou em todo o dia um ventinho regular que dava ao navio um andamento de 5 milhas com o mar quasi chão.

No dia seguinte o mesmo tempo mas vento mais firme como succede às vezes proximo da costa da Africa, mar picado, balanço mais accentuado dando ao barco o andamento de 6 milhas. O navio vem mettendo mais agua pelos altos. Ao meio dia Latitude 15° 32' Longitude presumida e muito conjectural 41° 43' às 11^h passou por B B a tres milhas ou mais uma galera navegando para E de bolina com amuras a E B. Tivemos inveja aos que iam em tal navio, não pela direcção em que iam mas pelo bellissimo navio que montavam. Para a tarde abonançou o vento e cahiu o mar e às 8^h, 10^m pela estrella β da ursa grande tivemos a latitude 15° 18' e mandámos andar a W da agulha. Às 11^h, 20^m pela estrella *Arcturus* tinhamos 15° 23' e mandámos andar a NW da agulha.

Foi faina difficil mudar para um rumo tão diverso tendo o navio vindo até ali ao W S W. Os tripulantes queriam voltar ao antigo rumo quando nos apanharam distraído, mas só voltavamos á nossa vontade, sendo necessario empregar meios extremos, e local-os com uma bengala de castão de marfim representando Garibaldi, porque a palavra e argumentos astronomicos ou geographicos não os poderiam intender. A final lá se resignaram a ir para onde queriamos.

Continuámos assim no seguinte dia com aragem de E e E NE mas não se viu terra como se esperava porque as nossas longitudes eram computadas com excessiva largueza. Deitámos então ao N da agulha, pois que tendo a latitude já muito avantajada não convinha alargar a mais sem ver a terra. Durante o dia cahiram alguns aguaceiros. Ao meio dia tivemos 14° 51' de Latitude S. De noite calmiços e aragem de E.

Amanheceu o dia 6 com SE bonançoso, rondando depois por E até ENE. Ainda nesse dia se não viu a terra; mas ao meio dia deunos o sol para latitude 14° 47', às 4^h, 33^m pela altura meridiana da lua tivemos 14° 48'; e às 7^h, 58^m p. m. pela estrella β da ursa grande tivemos sol. 14° 51'. Mandámos orçar para o NW para nos approximarmos da terra sem augmentar muito a latitude, o que poderia sotaventear-nos.

No dia 7 de Maio de 1870 bellissimo tempo, terra á vista por EB, ficando a ponta da Janga para ré do travez, e a montanha da Mesa um pouco avante d'isso e a seguir o porto Velhaco, a Conducia etc. Estava a chegar ao seu termo a nossa peregrinação, tendo apenas uma branda bafagem de NE com a qual fomos moendo o dia inteiro. Quando se poz o sol estavamos nós na bocca da bahia da Conducia, mas a fortaleza de S. Sebastião, ou porque o barco viesse longe ou por ser de ridiculas e exiguas dimensões, ou por se metter a noite e não o vér, não deu signal d'elle. Fomos andando, montámos a ilha de Sete Paus, a ponta de Cabaccira, e demandámos o ancora-

douro da ilha de S. Jorge ou de Goa que alcançámos perto das 9^h largando ferro em 8 ou 9 braças de fundo. Noite serena e calma.

Mandei deitar á agua a casquinha que vinha dentro do pangaio e com um preto a pagarar fomos para dentro do porto de Moçambique onde chegámos ás 10^h da noite. Na ponte da alfandega passeiavam de um extremo ao outro como era então uso tres individuos: o Juiz de Direito Dr. Ernesto Kopke da Fonseca Gouveia, presidente do conselho governativo pela morte do governador geral Fernando Leal, ainda vivo e no supremo tribunal de justiça, Frederico de Portugal e Vasconcellos, capitão do porto fallecido ha muito e tenente ajudante d'ordens do conselho Francisco d'Ornellas Perry da Camara, ha pouco fallecido sendo coronel nos Açores.

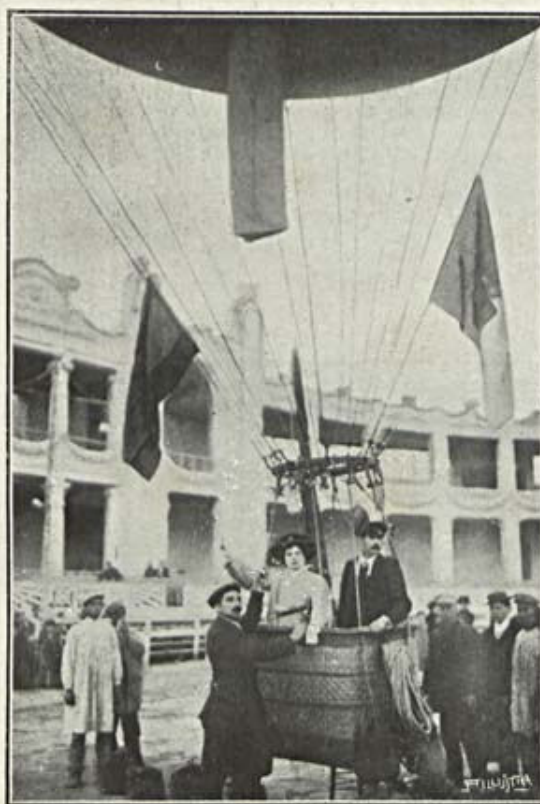
Passeiavam na ponte-caes como diziamos e tendo chegado ao extremo avançado da ponte do lado do mar viraram no passeio para o lado da cidade quando justamente chegavamos ao caes e subiamos vagarosamente, mettendo-nos na conversação dos tres que nos não tinham visto atracar e que ficaram surprehendidos.

— D'onde nos apparece V. ? perguntaram elles.

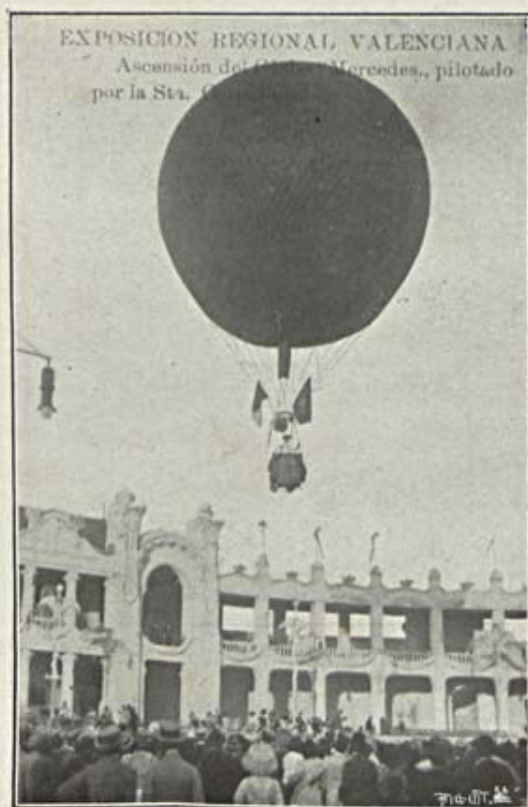
— Saio do mar exclamámos nós, tenho ali um pangaio com tres malas de Lisboa. Será bom ir buscal-as quanto antes.

Nesse dia declarava-se em Moçambique a epidemia da colera e de todos os navios surtos no porto foi o pangaio *Saint-Charles* o unico que perdera gente: perdeu 4 homens!

AUGUSTO DE CASTILHO.



Os aeronautas D. Mercedes e João Corominas na exposição de Valença



A capitã D. Mercedes na Exposição de Valença

FRIEIRAS

Tens frieiras nas mãos, frias de neve!...
A dorida epiderme, com carinho
Eu quizera curar n'um beijo leve,
Tepido como pluma em doce ninho.

Tens frieiras nos pés, frios de gelo!
Breves, mimosos, d'unhas tão rosadas,
Conchas de nacar! Podem ser enradas
Com beijos, desde a planta ao tornozelo...

O beijo é cura, é balsamo subtil;
Tem mel d'abelhas d'oiro, buliçosas,
Opio de sonhos e calor d'abril,
Setins de lirio e um olor de rosas.

Faze de beijos luvas perfumadas,
Calça em beijos teus pés de Cendrillon,
Frieiras, quando sejam bem beijadas,
Logo se extinguem, qual se esvae um som.

J. DE OLIVEIRA SIMÕES.

Fabrica de chocolates Iniguez & C.^a

Não é a primeira vez que nas paginas do *Brasil-Portugal* se consagra a industria portugueza n'uma das suas altas e poderosas manifestações.

A *Fabrica Iniguez* tem hoje n'esta illustração um lugar de honra, que de direito lhe compete, porque ella, em grande escala, levanta e acredita a industria nacional. Disseram-n'o lá, na propria sede, em palavras quentes e vibrantes, não ha muitos dias ainda, o ministro do fomento, o governador civil



Manuel Antonio Iniguez

de Lisboa, o presidente do municipio e outros representantes de collectividades, que, ao assistirem á inauguração das novas installações, affirmaram o alto e valioso serviço prestado ao paiz pelo sr. Iniguez. Data de 1886 a fundação da fabrica sob a firma A. J. Iniguez & Iniguez.

Antonio Joaquim Iniguez, foi com effeito o fundador, continuando a obra d'elle seu filho Manuel Antonio Iniguez, que gere o importante estabelecimento fabril desde o anno de 1907, em que seu pae falleceu, tendo já d'isso mostrado competencia não vulgar em assumptos de gerencia da mesma fabrica. O cacau, o café, o assucar e a canella são os principaes productos empregados, que a firma commercial em larga escala importa.

O cacau vem directamente da modelar roça *Boa Entrada*, de S. Thomé,

pertencente ao africanista, sr. Henrique Monteiro de Mendonça, dedicado amigo do industrial Manuel Iniguez, a quem tem acompanhado com uma dedicação provada nas phases diversas e progressivas por que tem passado a grande casa industrial.

Não podémos assistir á festa de 31 do mez passado, mas dias depois, o nosso representante, gentilmente recebido pelo proprietario da fabrica, ponde de visu examinar as transformações effectuadas, o novo mechanismo, as installações magnificas, todos esses melhoramentos que hoje a notabilizam.

E' um edificio á altura do fim a que é destinado, com todas as condições precisas para a sua boa laboração, com annexos novos destinados á officina de *bombons*, na qual trabalham dezenas de operarios de ambos os sexos, e officina de confecção de chocolate e cacau em pó. Esta secção possui apparatus dos mais modernos e aperfeçoados.

A casa destinada á officina de torrefacção do café, cacau e chicorias, e outras industrias que servem para consumo proprio e ainda para estabelecimentos que d'essa tarefa encarregam a fabrica, é no genero um verdadeiro modelo.

E' ahí que se revela o alto valor, o conhecimento do *métier*, a capacidade de administrador, de que tão sobejas provas sabe dar o sr. Iniguez, que tem por auxiliares valiosissimos os seus dois irmãos mais novos, Antonio e Alvaro, o primeiro que exerce as funções de chefe de escriptorio e o segundo, com 17 annos apenas, mas dotado de qualidades que o tornam um efficaz cooperador de seu irmão mais velho. Outro auxiliar conta ainda o sr. Manuel Iniguez em seu cunhado Constantino Lama, intelligente e dedicado.

Todos elles tem posto ao serviço da grande fabrica uma tão pronunciada boa vontade, um tal zelo, uma tão fervorosa dedicação, e um criterio tão elevado, que a estes elementos se deve o bom nome, a grandeza e a prosperidade da Fabrica de Chocolates Iniguez & C.^a

Theatros

Republica — O *Encontro*, peça em 4 actos, de Pierre Berton, traducção de Mello Barreto. — *Papillon*, peça em 3 actos de L. Benière, traducção de Eduardo Noronha. — **Nacional**, *Pena ultima*, peça em 3 actos, original de Hygino de Mendonça. — **Rua dos Condes**, *Cinco de Outubro*, peça em 5 actos, original do Dr. Mario Monteiro. — **Avenida**, *Bella Canconista*, operetta em 3 actos, de Landersberg e Stein, musica de H. Reinhardt, traducção de Accacio Antunes. — **Apollo**, *El-rei Banaboa* 35, peça burlesca em 3 actos, original de Baptista Diniz. — **Colyseu dos Recreios**.

Nada menos de seis peças novas foram já representadas este anno, que tão curta vida conta ainda, em alguns dos nossos theatros: tres originaes portuguezas, e as restantes, traducções. A primeira, no **Republica**, foi uma traducção da peça *La Rencontre* — e por signal, excellentemente trabalhada por Mello Barreto — de Pierre Berton, que depois de ter sido um actor de merecimento, interpretando quasi todo o theatro de Dumas e Sardou, se tornou um primoroso dramaturgo, possuindo como estes um profundo conhecimento technico de theatro, e digámos tambem, o segredo, ou melhor dizendo, a arte de prender e arrastar o publico,

INDUSTRIA NACIONAL

Inauguração das novas installações da fabrica de chocolates Iniguez



A fachada da fabrica



Inauguração das novas instalações da fabrica de chocolates Iniguez

A sala onde foi servido o «lunch». Entre os convivas os srs. dr. Brito Camacho, ministro do fomento, Euzébio Leão, governador civil de Lisboa e Anselmo Brancamp Freire, presidente da Camara Municipal de Lisboa

empolgal-o mesmo, por meios senão as mais das vezes verosímeis, pelo menos agradáveis. O seu theatro não nos dá vida, embora seja essa a intenção do auctor. Advinha-se-lhe o *truc*, o movimento; não desce a minucias; não detalha caracteres, antes os apresenta imperfeitos; arma apenas ao effeito; resaltam a cada momento velhos processos; a linguagem é vulgar, sem pompas de estylo, mas tudo combinado com tanta segurança e mestria que alcança o effeito desejado, motivo por que as suas peças teem sempre feito carreira. E' assim também *O Encontro*, onde Berton nos pretende demonstrar que todos os males e felicidades que veem ao encontro dos homens na travessia difficilissima da vida, são quasi sempre resultado de uma circumstancia de occasião, de um incidente fortuito, um encontro até.

A peça, que obteve um verdadeiro triumpho quando representada em Paris, agora entre nós conquistou as sympathias do publico lisboeta, que lhe reconheceu as qualidades apreciáveis, maravilhosamente realçadas pela esplendida interpretação dada por Chaby, Augusto Rosa, Angela Pinto e Emilia de Oliveira.

Fez a sua estreia n'este theatro com a peça *Papillon*, desempenhando o protagonista, o distincto actor Ferreira da Silva, com a sciencia e arte sobejamente conhecidas, conseguindo entusiasmar a platêa que lhe fez uma brilhante ovação. Brazão também desempenhou um pequeno papel, por uma forma magistral, concorrendo assim para o completo exito da graciosa peça, que tem um certo cunho de originalidade, pois faz girar a sua acção no facto de um operario, filho natu-

ral de pessoa abastada, herdar uma fortuna, pelo que os parentes legítimos pretendem exploral-o a todo o transe. A traducção da peça é do sr. Eduardo Noronha, e, como de costume, primorosa.

O resto do desempenho bom.

Mais um original no **Nacional**; referimo-nos á *Pena ultima*, que explora o caso de um casamento contra vontade da noiva, que presa de amores por um medico da casa, depressa se arrasta até ao adulterio e d'ahi ao crime, envenenando o marido para casar com o amante; a felicidade, porém, d'estes dois entes, esboçada a principio n'uma situação falsa e depois enleada na visão constante do crime praticado, nunca pode attingir o socego e a normalidade que resultariam de duas consciencias tranquillias, terminando por, mercê de varios incidentes, a auctora do nefando attentado applicar a si a pena de Talião «quem com ferro mata, com ferro morre», servindo-se do mesmo veneno que antes usara, — é a *pena ultima*.

A peça não está mal urdida; tem scenas de seguro effeito, figuras bem traçadas; a intensidade dramatica é grande, tendo tido um excellent desempenho por parte de Palmyra Torres, a quem se não devem regatear elogios, pois produziu um optimo trabalho, Ignacio, Augusto de Mello e Pato Moniz.

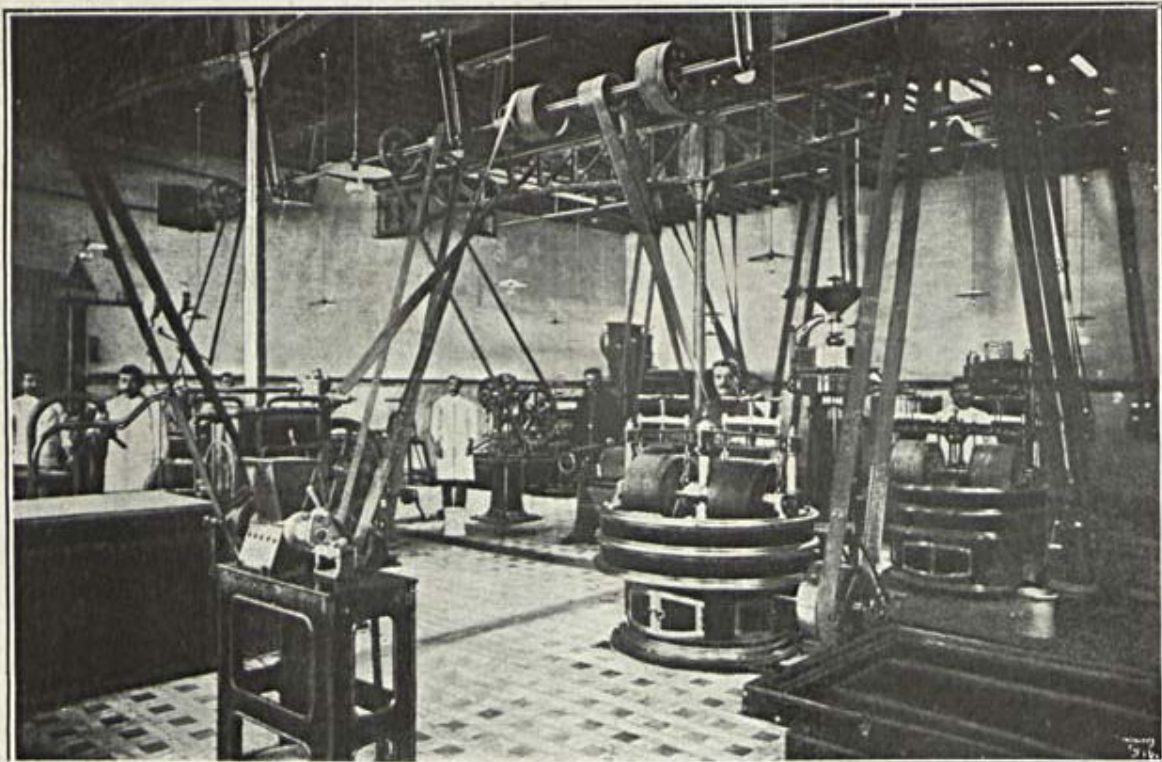
De mistura com uma ligeira e estafada intriga de amor, pretendem o sr. dr. Mario Monteiro dar-nos a impressão da agitação dos ultimos tempos na vida portugueza, agitação que determinou a implantação do actual regimen; e fazendo peça desde o regicidio até á madrugada de cinco de outubro, citando factos e nomes conhecidos, falando em explosivos, com tiradas que levam sobrescriptos politicos, umas, de molde a pôr a rubro a indignação do povo, outras, a arrastal-o ao entusiasmo, embora algumas, *theatralmente*, falhassem, mostra-nos o sr. Mario Monteiro que procurou unicamente fazer peça de occasião, o que se não lhe pode levar de todo a mal, preocupando-se muito pouco, ou mesmo nada com materia de arte, resultando, e isto decerto devido á precipitação com que a peça foi confeccionada para não perder a *oportunidade*, uma obra difficil de classificar, onde ha que apreciar com louvor o desempenho que é excellent por parte da companhia Alves da Silva, e em especial d'este, que fez quanto ao seu alcance para o bom exito da peça. Ao sr. dr. Mario Monteiro, que tem, inegavelmente, qualidades para fazer theatro, aconselhamos menos precipitação nos seus trabalhos, o que só pode aproveitar ao seu bom nome de auctor dramatico.

Em recita da actriz Cremilda de Oliveira representou-se no **Avenida** a *Bella Canconetista*, operetta viennense, de muita graça e com bellissima musica, distinguindo-se no desempenho a festejada que foi immensamente applaudida na protagonista; Auzenda, Armando Vasconcellos, Gomes e Grijo, que foi de um grotesco impagavel. Emfim, mais um triumpho a juntar aos tantos outros obtidos pela companhia Galhardo.

El-rei Danaboia 35, de infeliz memoria; foi curto o seu reinado — quasi uma noite — o que muito lamentamos. Ha na vida dos imperantes acontecimentos singulares!...

O valente Manoel Pedrosa, Paulo Pons e todos os demais luctadores que acabam de se exhibir no **Colyseu**, chamaram sempre áquella casa de espectaculos farta concorrência. E eis o que foi a primeira quinzena theatral do anno de 1911.

Ruy.



Inauguração das novas instalações da fabrica de chocolates Iniguez. — Manuel Antonio Iniguez, junto d'uma das machinas (Clichê de A. C. Lima).